

VEM PRA RUA: AS MANIFESTAÇÕES DURANTE A COPA DAS CONFEDERAÇÕES 2013

MARTIN CURRI*

RESUMO

As manifestações durante a Copa das Confederações dominaram as manchetes dos jornais brasileiros e de muitos outros países em junho 2013. O presente artigo se propõe a juntar informações sobre estes acontecimentos históricos com a ajuda de ferramentas etnográficas. Estes dados estão sendo analisados com a ajuda de teóricos importantes das ciências sociais brasileiras como DaMatta e Guedes. A tese é que o futebol é o grande ritual brasileiro em qual os brasileiros contam histórias sobre si mesmo e dramatizam temas sociais. Estes temas devem ser analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Ritual, Megaevento Esportivo.

ABSTRACT

The demonstrations during the Confederations Cup dominated the headlines of Brazilian newspapers in June 2013. This article aims to gather information about these historic developments with the help of ethnographic tools. These data are being analyzed with the help of important theorists of Brazilian social sciences like Da Matta and Guedes. The thesis is that football is the great Brazilian ritual in which Brazilians tell stories about themselves and dramatize social issues. These issues should be analyzed here.

KEYWORDS: Football, Ritual, Sports Megaevent.

No dia 15 de junho 2013 estive em Brasília para ver o jogo de abertura da Copa das Confederações entre as seleções de futebol do Brasil e do Japão (3x0), às 16h no Estádio Nacional. Eu já tinha feito meu credenciamento no dia anterior. Às 11h30min peguei o metrô na estação S108, no bairro em qual estou hospedado e em todo trajeto vi pessoas com a camisa da seleção brasileira. Desci na estação final, localizada na rodoviária, que estava tão cheia de torcedores e se apresentou uma situação bem caótica. Uma pessoa segurando a placa “guia de torcedor” estava na subida da escada rolante, perguntei-o pelo ônibus e ele me indicou o lado oposto para onde deveria ir. Depois de descobrir o engano encontrei o lugar correto, localizado bem ao lado de onde eu acabara de sair.

Havia fila, mas consegui entrar no ônibus, lotado. A viagem foi curta e em dez minutos chegamos ao estádio. Dentro do ônibus se encontrava um grupo de pessoas que foi fazer uma pesquisa e que carregavam consigo questionários. Escutei sua conversa e percebi que comentavam sobre os protestos ao redor do estádio.

Desci no ponto final, localizado no eixo monumental e caminhei em direção ao estádio. Vi entre muitos torcedores com a camisa amarela alguns poucos sem o uniforme da seleção brasileira, mas com nariz de palhaço. Falei com dois deles que me indicaram o local do protesto. Perguntei pelo motivo do protesto.

Um deles respondeu: “Foram gastos R\$5 Milhões com a festa de abertura. Mas ao mesmo tempo falta verba nos hospitais que poderiam melhorar muito. Enfim questionamos os gastos. Estamos em frente do estádio, mas vamos tentar entrar.” Pensei: “O protesto é bom, mas tentar entrar não é uma boa ideia. Vai haver uma reação da polícia.”

Me dirigi ao local indicado e de fato encontrei algumas centenas de manifestantes, principalmente jovens, em frente às entradas. Muitos portavam placas reivindicando algo como, por exemplo: educação,

hospitais, menor preço dos ônibus, combate à impunidade, política social para os Sem Tetos. De certa forma foi uma coleção de exigências. Entrei no meio deles e os fotografei muitas vezes. Em frente ao estádio havia um muro formado por policiais com escudos e atrás deles um camburão. Alguns agentes da polícia militar estavam filmando os manifestantes. Vi uma manifestante que falou com um dos policiais. Escutei a resposta dele: “Manifestações são permitidas, se continuar assim, podemos ficar o dia todo aqui dessa maneira.” A situação pareceu muito conflituosa, mas de fato tranquila. Entretanto, me indaguei se o policial com aquelas palavras estava de algum modo avisando que não permitiria uma invasão ao estádio.

Os manifestantes cantaram várias vezes o hino nacional. Vejo uma placa: “Mais Brasil para xs Brasileirxs”. Pensei: “Como a esquerda brasileira é nacionalista! Parece que a Copa é percebida como uma intrusão estrangeira e que seria preciso se defender.”

Direcionei-me então para o Media Center, um espaço onde os jornalistas encontram facilidades para trabalhar ao lado do estádio. Na entrada houve um controle fortíssimo, com o uso de raio-x e detectores de metal, sendo que fui barrado, porque era proibido portar garrafa de água comprada fora do estádio. Bebi a água e entrei. Dentro do Media Center usei a oferta dos computadores e da internet para escrever uma postagem para meu blog sobre a manifestação que acabara de observar. No Media Center havia também um guichê para retirada de ingressos no qual busquei o meu e fui em direção ao estádio. No caminho encontrei um fotógrafo alemão que me relatou que houve confrontos entre manifestantes e polícia. Pensei: “Provavelmente tentaram entrar e a polícia militar reagiu.”

Mas como já estava próximo ao começo do jogo, decidi subir para a tribuna de imprensa onde eu tinha um lugar numerado reservado. Encontrei o lugar e assento entre dois jornalistas alemães, um autônomo

que escreve frequentemente para o jornal FAZ, e a uma jornalista que trabalha para a agência de notícias DPA. Conseguimos assistir ao final do show de abertura. Em seguida apareceram num camarote e nos telões a presidente do Brasil Dilma Rousseff e o presidente da FIFA Sepp Blatter. O público reagiu com uma vaia imensa. O jornalista do FAZ virou para mim e disse: “O público fez uso do seu direito de vaia. Acho bom.”

Essa descrição do jogo de abertura da Copa das Confederações em 2013, no Brasil, é uma adaptação das anotações do meu diário de campo que mantive por causa da pesquisa que desenvolvo sobre os megaeventos esportivos no Brasil. Minha proposta da pesquisa era baseada em uma antiga reflexão de DaMatta:

Estudando o futebol e o esporte como drama, pretendo analisar essas atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou “ler” por seus membros. Neste sentido, sigo de perto aquela conhecida e profunda reflexão de Clifford Geertz [...] segundo a qual o rito (e o drama) seriam um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria. O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir.¹

Aqui, o futebol é entendido como o ritual nacional a partir do qual se discute e dramatiza questões centrais da sociedade brasileira. A proposta é ler estas discussões. Mas percebo também que há jogos de futebol com pesos distintos. Enquanto jogos de clubes têm apenas um significado local, os jogos da seleção brasileira, especialmente em Copas do Mundo, têm um significado nacional. Sigo, então, a reflexão de Guedes: “Tratando-se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do povo”.²

A Copa do Mundo de 2014 será no Brasil e isso significou que a Copa das Confederações de 2013, uma espécie de evento teste, também

ocorresse nesse mesmo país. Portanto, me interessa investigar: quais as histórias que os brasileiros contam nesses eventos sobre si mesmo, quais os significados transportados e qual a avaliação do próprio povo sobre si mesmo? Acredito que as manifestações durante a Copa das Confederações foram expressões impressionantes de dramatização e discussão da própria identidade nacional.

Metodologicamente minha pesquisa foi baseada na visita a cinco, dos 16 jogos, da Copa das Confederações 2013, evento ocorrido entre os dias 15/06/13 e 30/06/13, ou seja, a 12 meses antes da Copa do Mundo de Futebol. Participaram oito seleções em jogos disputados em seis estádios de diferentes cidades do Brasil. Decidi visitar cinco das seis cidades sede, por isso organizei uma viagem com o seguinte itinerário: 15/06/2013 Brasília (Brasil X Japão), 17/06/2013, Belo Horizonte (Taiti X Nigéria), 20/06/2013, Salvador (Nigéria X Uruguai), 23/06/2013 (Uruguai X Taiti), 30/06/2013, Rio de Janeiro (Brasil X Espanha/Final). Apenas não visitei a cidade-sede Fortaleza.

Consegui me credenciar para a Copa das Confederações assim como obtive ingressos de mídia para os cinco jogos acima mencionados. O procedimento desse credenciamento em si já é um assunto interessante, porém merece um artigo próprio e, portanto, será descrito num outro momento. Cheguei no dia 13/06/13 em Brasília e consegui retirar minha credencial no dia 14/06/13 no Media Center ao lado do estádio. No dia seguinte voltei para ver o jogo e observar a torcida, a imprensa, os funcionários, voluntários e outros envolvidos.

Em frente ao estádio me deparei com o grupo de manifestantes descritos na abertura deste artigo. A mídia brasileira exibiu reportagens nas semanas anteriores a respeito de manifestações ocorridas em São Paulo e que pediam a diminuição do preço das passagens de ônibus. Esse foi um dos lemas que a manifestação em Brasília adotou, incorporando outros, posteriormente.

Por considerar aquele grupo pequeno e como não haveria mais jogo em Brasília, não lhe dei muita importância. Achei que as manifestações iriam ficar temporalmente e espacialmente restritas a Brasília. Dentro do estádio durante a abertura da Copa das Confederações, as autoridades Dilma e Blatter foram muito vaiadas por um público capaz de pagar entre R\$60 e R\$400 para assistir ao jogo. Um público que provavelmente teria proximidade política a partidos como PSDB e DEM cuja vaia a uma presidente filiada ao PT, nada teria de surpreendente. Novamente considerei o fenômeno temporário e restrito ao local.

Porém me enganei. No dia seguinte cheguei a Belo Horizonte e falei com minha esposa ao telefone. Ela me relatou que houve uma grande manifestação no Rio de Janeiro da qual nosso sobrinho participara e relatara a ocorrência de muita violência por parte da polícia. Os meus amigos em Belo Horizonte relataram a mesma situação para essa cidade. A partir daí as manifestações se tornaram o grande assunto do Brasil, da Copa das Confederações e talvez do mundo.

A dinâmica era para tirar o fôlego. Durante a semana fez-se uma manifestação no Rio que segundo a imprensa, reuniu cerca de 300 mil pessoas na Avenida Presidente Vargas, número questionado por manifestantes que estimaram 1 milhão. Ao todo foram confirmadas várias milhões de pessoas nas ruas do Brasil se manifestando. Em Belo Horizonte, fui pego de surpresa por uma manifestação que passou pelo bar no qual estava; em Salvador me juntei com os manifestantes e finalmente acompanhei duas manifestações no dia da final da Copa das Confederações, no Rio de Janeiro.

As manifestações se tornaram o grande tópico da Copa das Confederações e, portanto, decidi analisar este tema com o auxílio das minhas observações. Percebi um sentimento de surpresa tanto entre meus colegas e amigos brasileiros, quanto alemães. As perguntas foram:

Por que os brasileiros protestam, exatamente durante um torneio de futebol, que é o querido esporte nacional? Os brasileiros não gostam mais de futebol? Quais as reivindicações dos manifestantes? Elas são legítimas? Quais serão as consequências? O que vai acontecer na Copa do Mundo de 2014?

Muitos amigos e colegas brasileiros se mostraram surpreendidos sobre as manifestações, porque acharam que os brasileiros não seriam um povo que se manifesta. “O brasileiro não sabe votar” e “O brasileiro não tem educação para cobrar dos políticos” seriam chavões típicos dessa percepção. Mas na verdade há historicamente muitas manifestações no Brasil. Podemos lembrar das manifestações pelas “Diretas já” de 1984 e dos “Caras Pintadas” levando ao impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992. Nesse sentido, as manifestações de 2013 seriam a terceira vez que por algum motivo assunto milhões de brasileiros foram levados às ruas ao longo de 30 anos.

Entretanto, além disso, já houve várias manifestações de cunho local e com maior ou menor relação com a Copa do Mundo de 2014. Aliás, foram tantas manifestações que é difícil decidir quais escolher para mencionar. Por exemplo, podemos citar a ocorrida no dia 04 de outubro de 2012, em Porto Alegre, na qual reivindicava-se contra a privatização de espaços públicos. O principal alvo foi um boneco inflável gigante da mascote da Copa, um tatu-bola. A polícia chegou a vigiar e protegê-lo, mas no decorrer da noite os manifestantes conseguiram derrubá-lo.³

No Rio de Janeiro, durante alguns meses houve manifestações contra a privatização do Maracanã, contra as remoções provocadas pelas obras para os megaeventos esportivos, contra a desocupação do museu do índio e a implosão dos estádios menores – Parque Aquático Júlio Delamare e Estádio de Atletismo Célio de Barros – e da escola municipal Friedenreich localizada no complexo do estádio Maracanã. Sobretudo a desocupação do Museu do Índio, no dia 22 de março 2013, provocou

uma atenção imensa da mídia nacional e internacional. Além disso, entidades como o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, no Rio de Janeiro, são ativos há muito tempo e estão bem interligados a várias cidades brasileiras.

Dessa forma houve um tipo de disputa sobre a questão de onde as manifestações começaram. A versão mais comum, por mim conhecida, era a de que as manifestações contra o aumento de tarifa de ônibus em São Paulo nas semanas antes da Copa das Confederações teriam sido o estopim. Na Reunião de Antropologia do Mercosul (de 10/07/2013 a 13.07.2013), em Cordoba/Argentina, encontrei antropólogos gaúchos que relataram que já no dia 05 de março de 2013, após alguns protestos, houve uma decisão judicial revogando um aumento da tarifa de ônibus em Porto Alegre. Pesquisando no site Wikipédia encontrei nele referência a um protesto realizado na cidade de Natal, em agosto de 2012 e que este teria sido o estopim de outras manifestações.

Observando esses dados parece que manifestações em nível local com temáticas regionais são bastante comuns no Brasil. O interessante é que com a manifestação em frente ao estádio em Brasília, no dia 15 de junho 2013 - e talvez ainda mais importante - com as vaia contra os presidentes Dilma e Blatter no mesmo dia, essas manifestações ganharam uma extensão nacional.

Os dois grupos não eram nada homogêneos. Fora do estádio, estudantes com bandeiras de partidos da extrema esquerda e, portanto com idéias próximas da oposição esquerdista ao governo do PT, e dentro do estádio pessoas com suficiente poder aquisitivo para pagar o ingresso e provavelmente mais próximos da oposição direitista ao governo do PT. As muitas faces desse protesto não podiam ser transmitidas pelos canais da mídia que deu a perceber que a única mensagem foi de um sentimento generalizado de indignação. O protesto transmitido pela televisão teve um efeito dominó. A partir da abertura todo dia houve

protestos em outras cidades e com mais participantes, com destaque para o dia 18 de junho quando os manifestantes conseguiram ocupar o telhado do Congresso Nacional em Brasília, até o dia 20 de junho 2013, dia das maiores manifestações.

Esse desenvolvimento foi bastante impressionante, porque não existia uma coordenação central e nacional dessas manifestações. Nos protestos da “Diretas Já” e dos “Caras Pintadas” sempre houve uma coordenação nacional do PT. Entretanto, o PT chegou ao governo e não pode protestar contra si mesmo. Ao mesmo tempo, os partidos da direita não conseguiram se tornar representantes das manifestações.

Por isso perguntou quem são os manifestantes e o que querem? Creio que essa questão não foi decidida por uma coordenação central, mas na rua. Volto a falar sobre as anotações do meu diário de campo. No dia das maiores manifestações, 20 de junho 2013, estive em Salvador.

Como cheguei um dia antes e aproveitei a oportunidade para andar pelo Pelourinho. Na rua escutei dois homens, sentados num banco, falando sobre manifestações. Decidi falar com eles. Um disse: “Já teve manifestação em Salvador e vai ter mais. É um absurdo gastar todo este dinheiro em estádios e não temos hospitais, e escolas, nem transporte. Moro ao lado da Fonte Nova e agora nem posso mais andar nas ruas no meu bairro porque fecharam tudo. Absurdo!” Perguntei se ele iria à manifestação: “Não, porque lá só tem vândalos. Não concordo com os meios. Não posso me arriscar. Vou ficar distante.”

Os bairros ao redor do estádio Fonte Nova são predominantemente de camadas de menor poder aquisitivo, como pude observar no dia seguinte. Foi anunciada uma marcha do Campo Grande, ao lado do Pelourinho, até o estádio. O jogo entre Uruguai e Nigéria começava às 19h e eu cheguei ao Campo Grande às 15h.

A praça estava lotada de gente, principalmente jovens entre 15 e 30 anos que carregavam os típicos cartazes individualizados com suas

reivindicações. Dessa forma, houve uma quantidade imensa de reivindicações, provavelmente tantas quanto manifestantes, que não necessariamente harmonizavam entre si. Vi, por exemplo, os seguintes cartazes: “Enfia os R\$0,20 no SUS”, “Quem sabe faz a hora não espera acontecer”, “Você é capaz de sacudir o mundo”, “Feliciano!!! Ó minha cara de doente”, “Foda-se a Copa”. Não vi nenhum cartaz ou bandeira de partidos políticos. Soube mais tarde por intermédio da televisão que no Rio de Janeiro, bandeiras de partidos da esquerda foram derrubadas e rasgadas com o grito: “O povo unido, não precisa de partido.” Em Salvador, a atmosfera era tranquila, eu diria até festiva. As pessoas cantaram, riram, bateram papo e assim andaram em direção ao estádio. Não vi nenhuma agressão.

Decidi não andar pelas ruas estreitas do centro histórico, mas pegar um táxi para contornar a manifestação e chegar mais rápido ao estádio. Na Praça João Mangabeira reencontrei os manifestantes. A polícia tinha montado uma barreira e o táxi não conseguiu chegar mais perto. A praça dá acesso às vias que contornam a lagoa Dique do Tororó que leva ao estádio. À esquerda e direita se elevam morros, impedindo caminhos alternativos e, dessa forma, os manifestantes se acumularam naquela praça.

Caminhei até o centro da praça e novamente observei o mesmo clima festivo da manifestação. De repente a massa andou alguns metros à frente e a polícia começou a atirar bombas de gás lacrimogêneo. O gás atinge qualquer um, sem distinção. Os manifestantes se viraram e fugiram correndo. Fui levado pela massa.

A partir daí a atmosfera mudou. Vários manifestantes entraram em confronto e tentaram repetidamente voltar em direção ao estádio. A polícia começou a avançar com cavalos e protegida por escudos. Os manifestantes ficaram com raiva e começaram a destruir tudo que levava o nome FIFA, como por exemplo, publicidades de patrocinadores.

Observei que alguns jovens pararam um ônibus. Eu pensei: “Eles vão incendiar o ônibus.” Mais tarde encontrei um amigo austríaco que me mostrou uma filmagem de um ônibus em chamas exatamente neste local.

Observei a batalha entre policiais e manifestantes e pensei: “Como o público torcedor conseguiria chegar ao estádio?” Mais ou menos uma hora depois da minha chegada à praça consegui passar pela barreira de policiais. Na praça vi muitas equipes de televisão chorando por causa do gás. O chão estava cheio de cartazes que os manifestantes deixaram cair na hora da fuga. Caminhei ainda vinte minutos até o estádio, passando pelos morros. Vi muita gente nos barracos. Para eles seria fácil chegar perto do estádio e montar a própria manifestação. Pensei: “Curioso, que eles não se manifestam, considerando que teriam talvez as reivindicações mais legítimas.” Cheguei ao estádio e sentei exausto.

Depois do jogo juntamente com alguns jornalistas estrangeiros, peguei o ônibus Media Shuttle da FIFA, que nos levou ao bairro Rio Vermelho, onde jantamos. Depois pegamos um táxi passando pelo bairro Ondina para chegar ao hotel no bairro Barra. Vimos no caminho muito lixo incendiado na rua, muitos vidros quebrados e polícia patrulhando. As ruas pareciam um campo de guerra.

A situação descrita é certamente confusa, mas tentarei analisá-la. Apesar de os manifestantes na rua se considerarem legítimos representantes de um povo unido, perceptível no grito “O povo unido, não precisa de partido”, há diferentes grupos envolvidos: os manifestantes, a polícia, os moradores não participantes e representantes do comitê organizador da Copa, além de jornalistas. O mais interessante são os moradores, que não participaram da manifestação.

Precisei lembrar da análise de DaMatta⁴ do rito “Sabe com quem está falando?” e que diz respeito à ambiguidade entre esferas igualitárias e hierárquicas da sociedade brasileira. Enquanto as áreas por DaMatta descritas como “casa” são claramente hierárquicas e a hierarquia é

conhecida, as áreas denominadas “rua” são igualitárias, todo mundo tem os mesmos direitos, não havendo hierarquia. Entretanto, há situações de disputa por recursos nas quais é necessário o estabelecimento de uma hierarquia. Esse fenômeno se torna possível através do rito “Sabe com quem está falando?”.

Parece-me que é exatamente isso o que aconteceu nas manifestações de junho de 2013. Os moradores que não participaram sabiam que teriam que aceitar sua posição socialmente inferior no rito “Sabe com quem está falando?”. Quem estava na rua sabia que possuía uma posição social suficientemente forte para enfrentar este rito.

O ataque contra as bandeiras de partidos foi também uma versão do “Sabe com quem está falando?”. No momento em que os agressores gritavam “O povo unido, não precisa de partido”, eles se autointitulavam representantes legítimos do povo, que sabem o que é bom para ele e, dessa forma, rebaixam socialmente os portadores das bandeiras.

Esta foi uma cena-chave dessas manifestações e precisa ser contextualizada. O Brasil está sendo governado há 11 anos por um governo da esquerda. Os presidentes Lula e Dilma são filiados ao Partido dos Trabalhadores, que usa a cor vermelha como símbolo. Os partidos da direita política, PSDB e DEM, que tradicionalmente ganham votos de camadas médias e altas, se encontram neste tempo todo na oposição sem muito poder de atuação política dentro do Congresso Nacional.

Ao mesmo tempo há o escândalo do mensalão, envolvendo o governo Lula, que consiste na acusação de que este governo teria comprado votos de parlamentares. Como o Partido dos Trabalhadores sempre inscreveu a luta contra a corrupção nas suas bandeiras e agora ele mesmo se viu envolvido em um escândalo de corrupção, isso levou a uma descrença nos partidos.

Por ser difícil para os representantes da oposição atuarem no Congresso Nacional, se busca uma outra arena: a rua e usa-se o “Sabe com quem está falando?”. O escândalo do mensalão é usado para rejeitar partidos e, dessa forma, se cria uma hierarquia mantendo a ilusão da igualdade.

Foi também DaMatta quem disse que foi o futebol que ensinou aos brasileiros a democracia, porque a bola é democrática, já que não gosta mais de ricos do que de pobres. Acho que as manifestações de junho mostraram que de fato era necessário um torneio de futebol para provocar as manifestações e que elas ensinaram o funcionamento da democracia brasileira, não de qualquer democracia.

Continuando com a metáfora de DaMatta, podemos dizer, que a bola corre igualmente para todo mundo, dentro do estádio que é uma casa onde a hierarquia já está estabelecida pelas diferentes categorias de ingresso. Mas na rua a bola gosta mais daquele que é mais forte no “Sabe com quem está falando?”. Não acredito que os manifestantes representam legitimamente todo o povo brasileiro. Para continuar este raciocínio gostaria de analisar as reivindicações dos manifestantes e a reação do governo brasileiro.

É difícil filtrar as principais reivindicações e temas das manifestações, porque inicialmente era possível para cada participante trazer individualmente no seu cartaz uma reivindicação própria, que podia se confrontar com a do vizinho. Mas acho que podemos filtrar seis temáticas centrais: transporte, saúde, educação, PEC 37, homofobia e corrupção.

A corrupção é a categoria de acusação chave da política brasileira, sempre acionada para atingir inimigos políticos, sendo que não necessita de evidências num uso discursivo. Aliás, é difícil comprovar corrupção. Nas outras temáticas, com exceção do transporte, há uma tendência na direção de uma agenda da classe média. A PEC 37 é uma Proposta de

Emenda Constitucional que visa retirar tarefas investigativas do Ministério Público passando-as para a polícia. Portanto, é uma proposta de lei que enfraquece os juristas do Ministério Público. No sistema de saúde trabalham médicos e no sistema de educação professores. Juristas, médicos e professores são integrantes de camadas médias que passaram por um curso superior. Percebo aqui uma clara agenda de camadas médias.

A pauta da homofobia é bastante esclarecedora. Este ponto entrou na agenda por causa do deputado Marco Feliciano, do Partido Social Cristão (PSC) e pastor de uma igreja evangélica, que foi eleito presidente da Comissão de Ética do Congresso Nacional, em março 2013. O deputado já se pronunciou várias vezes de forma homofóbica e a sua eleição para aquele cargo causou protestos na época. As igrejas evangélicas fazem seu maior sucesso entre camadas mais baixas da sociedade, que representam também o cabo eleitoral de deputados como Marco Feliciano. Essas igrejas e partidos estão sendo percebidos de forma bastante crítica nas camadas médias-altas. Portanto, uma manifestação contra a homofobia é também uma manifestação de representantes das camadas médias-altas com críticas contra representantes das camadas baixas. Acho que nesse momento é necessário afirmar que não estou me pronunciando politicamente, mas tento apenas uma análise dos lugares de onde falam os envolvidos.

No dia seguinte às maiores manifestações, a presidente Dilma Rousseff fez um pronunciamento em rede nacional de televisão. A frase mais famosa deste pronunciamento foi: “Eu escuto vocês”. A presidente prometeu encontros imediatos com representantes do movimento dos protestos e com governadores e prefeitos.

Como não existe um movimento de protestos, a presidente escolheu alguns representantes das manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus de São Paulo. Esses encontros aconteceram no dia 24 de

junho. Durante a reunião com os prefeitos e governadores Dilma anunciou novamente para as câmeras da televisão em rede nacional cinco pontos de um plano nacional do governo. Esses pontos são: plano nacional de transporte, uso de 100% dos royalties do petróleo para a educação, contratação de médicos estrangeiros, combate à corrupção com penas mais severas e a proposta de um plebiscito com a finalidade de alterar o sistema eleitoral.

Com essa reação, o governo respondeu a todos as exigências centrais dos manifestantes com exceção da relativa à homofobia e do PEC 37. Sendo que o PEC 37 foi rejeitado pelo parlamento brasileiro poucos dias depois desses acontecimentos. A partir do primeiro pronunciamento de Dilma os números de manifestantes caíram, os grupos ficaram menores e os temas voltaram a ser mais específicos e locais.

Por exemplo, em 30 de junho 2013, dia da final da Copa das Confederações, houve duas manifestações no Rio de Janeiro, nos arredores do estádio Maracanã. Uma saiu de manhã, sem bandeiras de partidos e terminou pacificamente. A outra, à tarde com bandeiras de partidos da esquerda, incluindo a presença dos chamados Black Bloc, que terminou em confrontos com a polícia. As manifestações que sugeriram ser tão homogêneas e representantes de todo o povo brasileiro entre os dias 17.06 e 20.06, começaram a se mostrar mais complexas e heterogêneas.

Isso se mostra também se observarmos as consequências das manifestações. Houve manifestações pequenas e localizadas até outubro de 2013. No Rio de Janeiro, um grupo de manifestantes começou a acampar em frente à casa do governador Sérgio Cabral e, em Brasília, acamparam pessoas em frente ao Congresso Nacional. Para o dia 07 de setembro de 2013, feriado nacional, foram anunciadas manifestações, mas que acabaram sendo muito pequenas. As últimas manifestações que

de fato causaram manchetes foram os protestos dos professores no Rio de Janeiro em setembro e outubro de 2013.

Um grupo que ganhou uma visibilidade muito grande foi o canal de mídia alternativa Mídia Ninja.⁵ As grandes mídias foram criticadas e acusadas de compactuarem com o governo, de serem contra os manifestantes e de mostrarem apenas o vandalismo, ao invés de mostrarem as reivindicações legítimas dos protestos. A Mídia Ninja se declarou independente e transmitiu imagens diretas de dentro das manifestações via celular no Facebook. Dessa forma, podiam mostrar a violência policial e inclusive fazer transmissões de dentro de delegacias e carros da polícia.

O episódio que mais chamou a atenção foi aquele relativo às imagens publicadas pela Mídia Ninja que sugeriram que policiais infiltrados teriam jogado molotov cocktails para justificar dessa maneira a reação policial. O sucesso rendeu um aumento da opção “Curtir” no Facebook para cerca 200.000 em poucas semanas e convites para programas de televisão como a “Roda Viva” no canal Cultura.

Isso provocou a uma grande discussão entre duas entidades estabelecidas: a mídia tradicional e a polícia. A atuação da polícia frente ao tratamento de cidadãos começou a ser fortemente discutida e é mais um indicador de tendência para uma agenda da classe média. Não acho que a tática policial frente às manifestações ou torcidas organizadas seja nova, mas nos protestos de junho de 2013 foram atingidos jovens da classe média que têm os meios financeiros e de articulação para enfrentar a polícia.

Esse contexto levou a campanha “Onde está o Amarildo” no Rio de Janeiro. Amarildo era um morador da Favela Rocinha que sumiu inexplicavelmente em julho de 2013. A campanha na Mídia Ninja e outras mídias foi tão grande que a Polícia Civil começou a investigar o

caso. A campanha durou meses criando uma pressão grande sobre a polícia militar.⁶

Em novembro de 2013, quatro das cinco propostas da presidente Dilma Rousseff foram encaminhadas, apenas o plano nacional de transporte ainda estava parado. As penas mais rígidas em casos de corrupção foram decididas pelo parlamento nacional ainda em junho. A ideia do plebiscito para mudar o sistema eleitoral foi encaminhada para o parlamento nacional, mas por se tratar de um tema de difícil solução deve demorar até que algo seja resolvido. A proposta de direcionar todos os royalties de petróleo para a educação também já foi aprovada pelo Congresso Nacional.

A proposta mais interessante foi a contratação de médicos estrangeiros. O motivo para tal não seria a falta de médicos em centros como Rio de Janeiro ou São Paulo, mas em áreas do interior, como Centro-oeste, Nordeste e Norte. Já nos meses depois da Copa das Confederações foram contratados milhares de médicos, principalmente de Cuba, e enviados a essas regiões. Muitos deles foram recebidos nos aeroportos brasileiros por representantes de Associações de médicos que os vaiaram, porque acharam que os estrangeiros iriam tomar os empregos de brasileiros.

Este desenvolvimento é interessante porque mostra mais uma vez a heterogeneidade das reivindicações dos manifestantes de junho. Enquanto se exigiu simplesmente “Melhoras na Saúde”, ninguém definiu o que isso exatamente significava. No momento em que o governo toma uma atitude concreta para atender ao pedido vago, se manifestam os diversos grupos heterogêneos.

Dessa forma, podemos questionar também a legitimidade das reivindicações. Vi uma manifestante ser entrevistada na televisão sendo questionada pelos motivos de sua participação na manifestação. “Estou aqui por um Brasil melhor”, foi a resposta. Acredito que as descrições

deste artigo deixaram bem claro que existem várias concepções do que poderia ser um “Brasil melhor”. Claro que sempre podemos exigir melhoras no sistema de saúde, transporte e educação, mas as concepções e as ideias sobre estes assuntos diferem muito.

Na volta da RAM, em Cordoba, dividi um táxi com um colega antropólogo a partir do aeroporto internacional do Rio de Janeiro. Discutimos as consequências das manifestações. Depois de meu colega ter saído do táxi, o motorista puxou um papo comigo dizendo que as manifestações não mudariam nada.

Creio que de certa maneira ele está certo, porque o funcionamento da democracia brasileira, na qual o rito do “Sabe com quem está falando?” é fundamental, não se alterou. As manifestações não foram em nenhum momento uma “primavera brasileira”, em referência a primavera árabe, que queria mudar o regime do estado. Mas por outro lado creio também que há pequenas mudanças para certos grupos sociais, mencionados neste artigo: políticos, médicos, juristas, professores, a Mídia Ninja, polícia etc. Nem sempre os próprios envolvidos percebem essas mudanças como positiva.

Certamente um dos desenvolvimentos mais interessantes diz respeito ao desempenho dos políticos candidatos à reeleição nas eleições de 2014, com destaque para a presidente Dilma Rousseff. Pesquisas de opinião mostraram que a aprovação ao seu governo caiu bastante em junho, e o mesmo ocorreu com outros políticos como o governador do Rio Sergio Cabral e o Prefeito do Rio Eduardo Paes. Este último não será candidato a reeleição e o governador anunciou sua candidatura para o Senado Federal. Os exemplos mostram como políticos aparentemente poderosos podem perder capital político em muito pouco tempo sem poder reagir contra esse fato.

Em Curi (2013) demonstrei a possibilidade de entender os megaeventos esportivos como torneios de valor no sentido de

Appadurai⁷ (2008). Este conceito destaca a natureza ritual dos megaeventos esportivos e a dificuldade de controlar seu desenvolvimento e seus resultados. Torneios de valor não são apenas rituais com roteiro pré-definido, mas eventos nos quais se negocia valores com fim incerto. Esses valores são diversos, podem ser econômicos, mas também oriundos do status dos participantes e das categorias-chaves de uma sociedade. Um torneio de valor é um evento de curto prazo, no qual os envolvidos podem ganhar e perder em pouco tempo e sem muito controle. Os políticos brasileiros lidam neste momento exatamente com este fenômeno.

O conceito inclui os rituais do potlatch descritos e interpretados por Mauss⁸ nos quais os poderosos são obrigados, muitas vezes, a destruir grande parte dos seus bens para manter ou aumentar seu *status*. O Brasil está investindo em megaeventos esportivos, igual a um potlatch. Mas o conceito de torneio de valor de Appadurai é mais específico porque inclui a noção de imprevisibilidade do resultado.

A partir daí é difícil prever o que vai acontecer durante a Copa do Mundo de 2014. Há especulações de que as manifestações vão se repetir. Pessoalmente acho que um torneio de valor tem um tempo ritual, bem definido e descrito neste artigo. Este tempo já passou. Se os endereçados, ou seja, políticos, reagem da forma para atender de forma autêntica as exigências, atendendo os emitentes, então acredito que não haja porque ter manifestações.

A Copa do Mundo é bem mais importante do que a Copa das Confederações, ou seja, abrir mão de jogos da Copa das Confederações para protestar, é possível. Fazer a mesma coisa durante uma Copa do Mundo, que é uma espécie de mês nacional para o Brasil com feriados nos dias de jogos da seleção brasileira, já é bem mais difícil. Não acredito que possamos falar de um protesto contra a Copa do Mundo, a seleção

brasileira ou o futebol. Ao contrário, os brasileiros querem a Copa, só não querem a Copa da FIFA.

Portanto, recapitulando as questões deste artigo. Por que os brasileiros protestaram, exatamente durante um torneio de futebol, que é o querido esporte nacional? Porque é o ritual nacional no qual se costuma discutir questões à respeito da nacionalidade e da sociedade brasileira.

Os brasileiros não gostam mais de futebol? Continuam gostando. As manifestações não se direcionaram contra o futebol, mas usaram o torneio de futebol para se manifestar sobre temas sociais.

Quais as exigências dos manifestantes? As manifestações tinham uma agenda da classe média, que não era bem definida. Apesar de citar questões como transporte, saúde, educação, corrupção, PEC 37 e homofobia, estes assuntos não eram bem definidos.

Essas reivindicações são legítimas? É difícil falar de legitimidade se não existe nenhuma reivindicação bem definida e comum a todos os manifestantes. As reivindicações podem ser legítimas para um e ilegítimas para outros. Ou seja, na verdade acontece uma disputa pelos bens em circulação durante o evento.

Quais serão as consequências? O que vai acontecer na Copa do Mundo 2014? É difícil prever, porque entendemos os megaeventos esportivos como torneios de valor. Isso significa que os envolvidos são obrigados de participar do ritual com seus valores, sem ter segurança sobre o resultado. As forças desses rituais são muito grandes e podem provocar mudanças grandes em pouco tempo. É provável que haja novamente manifestações, mas é improvável que sejam do mesmo tamanho como em 2013. As exatas consequências para os políticos vamos poder analisar depois das eleições de 2014. Mas já podemos indicar que alguns perderam muito e ao mesmo tempo isso libera espaço para novos candidatos, cujo sucesso era considerado improvável.

Notas

* Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: martincuri.rio@gmail.com

¹ DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 21.

² GUEDES, Simoni Lahud: *O Brasil no campo de futebol*. Niterói: EDUFF, 1998, p. 20.

³ Vídeo no site: <http://www.sul21.com.br/jornal/destaques/manifestacao-termina-em-batalha-campal-no-centro-de-porto-alegre/>

⁴ DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979, p. 187.

⁵ Site: <https://www.facebook.com/midiaNINJA>

⁶ Até o momento de digitar este texto, Amarildo não reapareceu, o que significa que ele está muito provavelmente morto.

⁷ APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008.

⁸ MAUSS, Marcel: *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.

Data de envio: 28/03/2014.

Data de aceite: 12/04/2014.